



Domingo, 11 de janeiro de 2004

no mínimo **Sérgio Rodrigues**

[enviar](#) | [imprimir](#)

Arthur Dapieve
 Carla Rodrigues
 Daniel Galera
 Guilherme Fiuza
 José Paulo Kupfer
 Leo Martins
 Luiz Antonio Ryff
 Marcos Caetano
 Marcos Sá Corrêa
 Paulo Roberto Pires
 Pedro Doria
 Ricardo A. Setti
 Ricardo Calil
 Ricardo Kotscho
 Roberto Benevides
 Santiago P. Fusco
 Sérgio Bermudes
 Sérgio Rodrigues
 Tutty Vasques
 Villas-Bôas Corrêa
 Xico Sá
 Xico Vargas
 Zuenir Ventura
 +
 A palavra é...
 +
 (a)provada
 +
 .Comportamento
 +
 Contemporânea
 +
 Convidados
 +
 Economínimo
 +
 Ensaio
 +
 Entrevista
 +
 Especial
 +
 Esportes
 +
 Fala Leitor
 +
 Galeria
 +
 Jogatina
 +
 Nonsense
 +
 Olha só
 +
 Papo de homem
 +
 Política & Cia.
 +
 Ponte aérea/RJ
 +
 Ponte aérea/SP

Ruy, a Águia de Haya

08.01.2004 | Dia desses, li no jornal que os descendentes de Rui Barbosa querem recuperar o ípsilon que ele perdeu na reforma ortográfica de 1943. A notícia é menor, eu sei. Tão menor que não sei de ninguém mais que a tenha lido, mas é preciso reconhecer que nem só de assuntos cruciais como o namoro de Gisele e Leonardo vive o jornalismo. O ípsilon perdido do Rui me fez lembrar a carta que, certa vez, pilotando o consultório gramatical de um grande jornal, recebi de um leitor que logo seria pai de uma menina. "Qual é grafia correta do nome que quero dar para minha filha?", perguntava ele. "Ana Luísa, Ana Luisa, Ana Luíza ou Ana Luiza?"

Essa carta me perturbou. A consulta era simples, fácil de responder, mas havia alguma coisa errada ali. Que direito tinha eu, um estranho, de dar pitaco na intimidade de um leitor? E pior: em momento tão especial quanto o nascimento de uma filha? Que o convite para que eu me intrometesse tivesse partido do próprio sujeito não ajudava, pelo contrário, tornava a situação mais constrangedora ainda. Acabei dando a ele uma resposta técnica – a grafia Ana Luísa é considerada a "correta" – misturada a um conselho anárquico: "Mas na verdade tanto faz, vê aí, o pai é você".

O incômodo que aquela carta provocou, no fundo um mal-estar filosófico, tem parentesco com o caso de Rui Barbosa. Trata-se de decidir até que ponto é legítimo o Estado interferir em parte tão íntima – o nome – da vida dos cidadãos. Mas há também uma diferença importante entre o famoso jurista e a jovem Ana Luísa, a brutal diferença que se estende entre passado e futuro, e que neste caso muda tudo. Convém explicar.

Em 12 de agosto de 1943, quando os numerologistas ainda nem sonhavam em despontar no horizonte com seus sacos de ípsilons, dáblus e consoantes dobradas, um rolo compressor de simplicidade atropelou sem chance de apelação a língua brasileira - nomes próprios inclusive. Quem nascera Hippolytho virou Hipólito, e Ruy, com todo o seu prestígio, não foi exceção. É Rui até hoje.

Não se trata de discutir se a causa restauradora abraçada pelas novas gerações dos Barbosas é nobre ou idiota, justa ou fútil. Mas que o argumento central de sua defesa seria facilmente desmontado numa corte como a de Haia, onde seu antepassado brilhou, isso seria. A notícia que li dizia que, na opinião dos descendentes de Rui, não faz sentido uma lei se meter a reescrever o passado. O que se poderia pretender regular, alegam eles, seria o futuro, os batismos que acontecessem após 1943, mas preservando-se os registros civis feitos até então.

Errado. Na vida real, aconteceu e acontece justamente o contrário. Rescrever o passado, matéria morta, é moleza; já o futuro...

Como se sabe, a lei de 1943, regulamentada por decreto presidencial dois anos e meio depois, foi prontamente acatada

Clássicos NoMínimo Música para navegar

[Outras colunas](#)

Tutty Vasques

Polícia faz em Bangu 1 simulação de triagem de americanos para o Carnaval

Ministro se demite sem realizar o sonho da bomba atômica no Brasil

Ensaio



A fé no caminho do fotógrafo Paulo Vitale

Weblog

O primeiro a reciclar PET, Laboratório Pop no ar e aquele biquíni da princesa Leia.

Reportagens

O sociólogo Chico de Oliveira, um dos fundadores do PT, deixa o partido pedindo "radicalidade" ao governo: "Cansei de ser o chato de reunião".

Assine NoMínimo

Receba por email as colunas de NoMínimo

Fala leitor

“ O Custo Brasil da internet, da ortografia e dos direitos adquiridos. ”

fala leitor

+
Reportagem
+
Sexo nas bancas
+
Tocatudo
+
Todoprosa
+
Weblog

nos dicionários, nas escolas, na imprensa, por todo lado. Nos cartórios é que não houve jeito de pegar. O professor Celso Pedro Luft admite, em seu "Novo guia ortográfico", que "a tradição entre nós (...) tem contrariado a Lei". Tem mesmo, e como. Uma discreta mas tenaz desobediência civil acabou se impondo na questão dos nomes próprios. Vez por outra, algum escrivão radical ainda tenta fazer valer o manual, mas a causa parece perdida. Luiz Inácio Lula da Silva, para citar um exemplo ilustre, se insere nessa tradição de contrariar a lei de 43, segundo a qual todo Luís deveria ser escrito com s e acento.



Busca avançada
Quem somos

NoMínimo
Instale o *feed* de notícias

[XML](#)

O que é RSS?

Nosso link
em seu blog

Difícil não reconhecer nessa desobediência ortográfica um sinal saudável, a marca da liberdade civil. Se ela contribui para uma proliferação de nomes disparatados – Swéllen, Máycon, Lyddiane, Matthews - paciência. Desde quando preencher com força bruta as lacunas deixadas pela educação resolve alguma coisa? Parece ser uma firme crença da maioria da população brasileira que, em nome da sofisticação, qualquer *th* será sempre preferível a um simples *t*, qualquer ípsilon superior a um *i*.

Enquanto isso, os filhos da elite se chamam João, Antônia, Pedro, Maria. Ou, quem sabe, Rui.

srodrigues@nominimo.ibest.com.br

[Receba os textos deste colunista por email](#)

[^ volta ao alto da página](#)

Praça Nossa Senhora da Glória 46, 5º andar
Rio de Janeiro RJ 22211-110 • tel +55 21 2557 6068

copyright 2002, nominimo.com.br
editor@nominimo.ibest.com.br